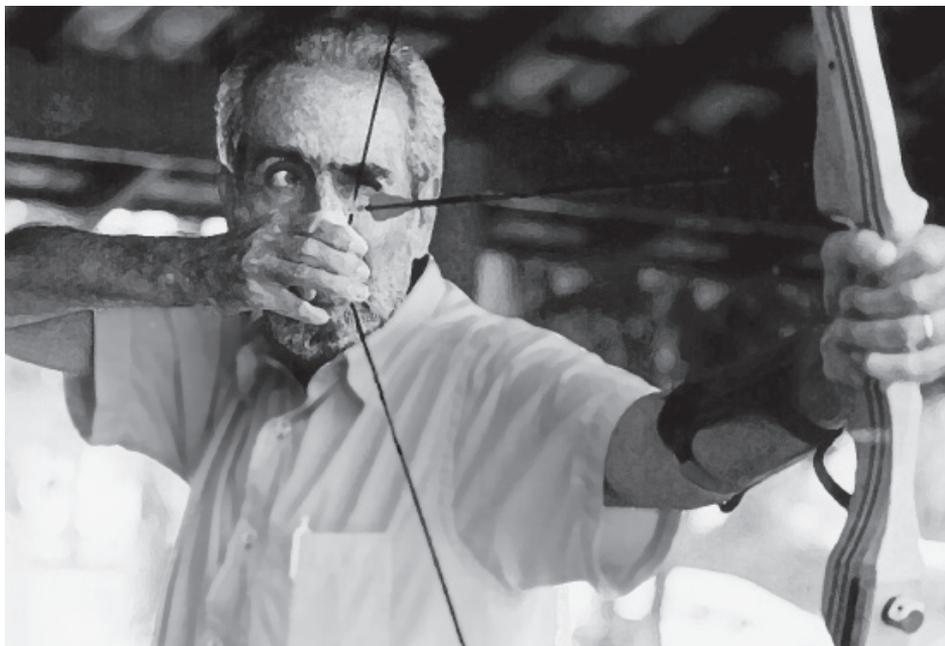


PRIVATE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

JAMES PATTERSON

PRIVATE

AGÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAL

& MAXINE PAETRO



PRÓLOGO

VOCÊ ESTÁ MORTO, JACK

capítulo 1

DE ACORDO COM MINHAS LEMBRANÇAS compreensivelmente prejudicadas, a primeira vez que morri foi mais ou menos assim:

Os morteiros explodiam à minha volta, produzindo o que parecia uma chuva de lâminas de barbear. Eu carregava nos ombros o cabo da Marinha Danny Young. Eu adorava aquele cara. Era o soldado mais corajoso ao lado do qual eu já havia lutado, divertido como nenhum outro e, acima de tudo, *cheio de esperança* – a esposa o esperava, no Texas, grávida do quarto filho do casal.

O sangue de Danny encharcava meu uniforme, respingando nas botas como água saindo de um cano furado.

Eu corria pelo terreno rochoso no escuro.

– Peguei você – falei para Danny, com a voz abafada. – Continue comigo, *está ouvindo?*

A alguns metros do helicóptero, eu o pus no chão. De repente houve uma explosão violenta, como se o solo se abrisse à nossa volta. Senti um forte impacto no peito e esse foi o fim.

Morri. Passei para o outro lado. Nem sei quanto tempo fiquei desacordado.

Mais tarde, Del Rio me contou que meu coração havia parado.

Só me lembro da dor, de flutuar para a luz e do cheiro horrível de combustível de aviação.

Abri os olhos e vi o rosto de Del Rio perto do meu, suas mãos pressionando meu peito. Ele ria e chorava ao mesmo tempo.

– Jack, seu filho da mãe, você voltou – disse ele.

Uma densa cortina de fumaça preta nos cercava. Danny Young estava deitado ao meu lado, as pernas dobradas em ângulos estranhos. Atrás de Del Rio estava o helicóptero, ardendo em chamas vibrantes, prestes a explodir.

Meus companheiros ainda estavam lá. Meus amigos. Homens que arriscaram a vida por mim.

Quase sufocando, consegui dizer algumas palavras:

– Temos que tirá-los de lá.

Del Rio fez o que podia para me deter, mas consegui acertar uma cotovelada em seu queixo, fazendo-o cair para trás. Comecei a correr para o pássaro de metal cuja pele de magnésio pegava fogo.

Havia fuzileiros navais lá dentro e eu precisava salvá-los.

O ruído pavoroso de uma metralhadora calibre 50 chegou aos meus ouvidos. Munição explodia dentro da aeronave.

– *Para o chão, seu idiota! Jack, para o chão!* – gritou Del Rio.

Senti cada um de seus 85 quilos quando ele se atirou sobre mim e me derrubou, enquanto o helicóptero desaparecia numa bola de chamas vorazes. Eu não estava morto, mas muitos de meus amigos estavam. Juro por Deus que teria trocado minha vida pela deles.

Acho que isso diz muito sobre mim – e não sei se são coisas boas. Você vai ver e poderá julgar.

Sente-se. A história é longa, mas é boa.

capítulo 2

FAZIA DOIS ANOS QUE EU voltara do Afeganistão e da guerra. Não via meu pai havia mais de um ano e não tinha motivo para querer vê-lo de novo. Mas ele telefonou e disse que tinha algo importante para me contar. Falou que era urgente e que essa revelação mudaria minha vida.

Meu pai era um desgraçado mentiroso e manipulador, mas consegui despertar minha curiosidade. Por isso lá estava eu, passando pelo imponente portão de visitantes da Prisão Estadual da Califórnia, em Corcoran.

Dez minutos depois, estava sentado diante da divisória de vidro e vi meu pai se acomodar do outro lado, sorrindo para mim, mostrando os dentes falhados. Ele fora bonito no passado, mas agora parecia um Harrison Ford viciado em metanfetamina.

Ele pegou o fone, e fez a mesma coisa do meu lado da divisória.

– Você parece ótimo, Jack. A vida deve estar sendo gentil com você.

– Você emagreceu – falei em resposta.

– A comida aqui é para ratos, filho.

Meu pai retomou a conversa do ponto em que havíamos parado na última vez que eu o visitara. Estava me dizendo que não havia mais ladrões cavalheiros, apenas criminosos.

– Matam balconistas de lojas de conveniência. Transformam um assalto numa sentença de morte. E por quê? Para roubar 100 dólares?

Ouvi-lo me dava dor de cabeça e me deixava com as costas e a nuca rígidas. Ele xingava negros e hispânicos de idiotas, mas estava lá dentro cumprindo prisão perpétua por extorsão e assassinato. A mesma pena, no mesmo lugar onde

estavam os criminosos. Eu me envergonhava de todos os anos que o tomara como exemplo, fazendo o impossível para ganhar um “boa, garoto!”, em vez de uma bofetada.

– Quer saber de uma coisa, Tom? – falei. – Vou ter uma conversa com o carcereiro. Vamos ver se consigo transferi-lo para Bel-Air ou para a Beverly Wilshire.

– Prometo que não vai se arrepender – respondeu ele, rindo.

Finalmente sorri.

– Você não muda.

Meu pai deu de ombros e retribuiu o sorriso.

– Por que mudaria, Jack?

Notei que havia novas tatuagens em seus dedos. Meu nome na mão esquerda e o de meu irmão gêmeo na direita. As mesmas mãos que ele usava para bater em nós. Tamborilei no balcão de madeira.

– Estou incomodando você? – perguntou meu pai.

– Ah, não. É que estacionei o carro na frente de um hidrante.

Meu pai riu outra vez e disse:

– Olho para você e me vejo. Quando eu era um idealista.

Narcisista filho da mãe. Ele ainda acreditava que era meu ídolo, o que não poderia estar mais distante da verdade.

– Jack, preciso lhe fazer uma pergunta séria. Você gosta de trabalhar para aquele tal de Pinkus, um detetivezinho particular inútil e patético?

– Prentiss. Aprendi muito com ele. Estou satisfeito. Sou bom no que faço.

– Está perdendo seu tempo, Jack. E tenho uma oferta melhor. – Ele parou, certificando-se de que havia chamado minha atenção. Depois prosseguiu: – Quero que assuma o comando da Private.

Imagino que ele tenha chegado à parte que deveria mudar minha vida.

– Pai. Você esqueceu? Tudo o que sobrou da Private foi um monte de armários de arquivos num depósito.

– Você receberá uma encomenda amanhã – continuou meu pai, como se eu não tivesse falado nada. – É uma lista de todos os meus clientes e o que descobri sobre cada um deles. E também um documento passando para o seu nome minha conta bancária nas ilhas Cayman. Quinze milhões de dólares, Jack. É tudo seu. Faça o que quiser com eles.

Arqueei as sobrancelhas. A Private já fora uma agência de investigações de alto nível, com clientes que incluíam estrelas de cinema, políticos, multimilionários e até a Casa Branca. Meu pai cobrava tão caro quanto podia por seus serviços. Mas 15 milhões? Como ele ganhara tanto dinheiro? Será que eu realmente queria saber?

– Qual é a pegadinha? É nisso que está pensando, não é? – disse ele. – Simples. Não conte a seu irmão sobre o dinheiro. Ele cheirou ou perdeu no jogo tudo o que lhe dei. Essa é a sua herança, Jack. Estou tentando fazer o que é certo pelo menos uma vez na vida.

– Você não me ouviu dizer que estava satisfeito na Prentiss?

– Queria que você pudesse ver a sua cara, Jack. Escute. Pare de bancar o “gêmeo bonzinho” por um segundo e pense nisso. Não existe dinheiro bom e dinheiro ruim. É tudo igual. Não passa de um instrumento de troca. E essa é uma grande oportunidade. Uma chance de 15 milhões de dólares. Quero que a Private seja lembrada como a melhor. Você é um garoto esperto, tem boa aparência e, ainda por cima, é um herói de guerra. Traga a Private de volta à vida. Faça isso por mim e, mais importante, por você mesmo. Não dê as costas para algo tão bom. Faça da Private a melhor do mundo. Você tem o dinheiro, o talento... e a compaixão para isso.

Um guarda tocou no ombro de meu pai. Ele pôs o fone no gancho, olhou para mim com uma ternura que eu não via desde os 5 ou 6 anos e disse:

– Tenha a vida que merece, Jack. Faça coisas grandiosas.

Ele tocou na divisória de vidro com uma das mãos e depois se virou.

Uma semana após minha visita a Corcoran, meu pai levou uma facada no fígado. Três dias depois, Tom Morgan estava morto.

PARTE UM

**CINCO ANOS DEPOIS E
TUDO SAINDO CONFORME
O PLANEJADO**

capítulo 1

NÃO SEI EXATAMENTE POR QUÊ, mas as pessoas confiam a mim seus segredos. Deve ser alguma coisa na minha cara, provavelmente meus olhos. Guinevere Scott-Evans resolveu se arriscar e, há dois meses, confiou a mim sua vida e sua carreira.

Ela agora segurava minha mão, enquanto eu a ajudava a descer do meu Lamborghini azul. Guinevere movia o quadril estreito com elegância, ajustando o vestido preto de caimento perfeito. Ela era linda, uma grande estrela de cinema, além de genuinamente divertida e inteligente o bastante para ter se formado na Universidade Vanderbilt.

Esta noite eu era o acompanhante de Guin na cerimônia de entrega do Globo de Ouro. Era sua maneira de me agradecer por ter desmascarado seu marido, um astro do rock que a traía com outro homem.

Eu sabia que Guin estava sofrendo, embora exibisse uma expressão alegre durante a cerimônia. Ela queria ser vista com um *gato*, como ela mesma dissera, e eu sabia que também queria se sentir desejável.

– Vai ser divertido, Jack – disse ela, apertando de leve meus dedos. – Nossa mesa é excelente. Estaremos acompanhados do pessoal da Columbia Pictures e de Matt, é claro.

Guin concorria ao Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante por seu papel como par romântico de Matt Damon. Eu acreditava que ela tinha chances de ganhar. E é claro que estava torcendo por ela. Gostava muito de Guin.

Os fãs na frente do Beverly Hilton se divertiam com o programa que antecedia a premiação, gritando o nome de Guin enquanto nos dirigíamos à área restrita. As câmeras disparavam freneticamente. Um fã virou seu telefone celular na minha direção, perguntando se eu era alguém importante.

– Está brincando? Sou só um acompanhante – respondi, rindo.

Guin soltou minha mão para abraçar Ryan Seacrest, que a levou para baixo dos holofotes. Era *ela* que os fãs queriam, mas Guin passou um braço em torno da minha cintura e me puxou para seu lado.

Seacrest foi em frente, elogiou o corte do meu smoking e perguntou meu nome. Ele franziu a testa enquanto tentava lembrar se me conhecia, mas então Scarlett Johansson chegou, disse “Oi, Jack”, e Guin e eu fomos convidados a seguir pelo tapete vermelho que se estendia entre as fileiras de espectadores na entrada do Beverly Hilton.

Péssima hora para meu celular tocar.

– Não atenda, Jack – disse Guin. – Você está de folga. Esta noite, você é só meu, certo? – Seu sorriso perdeu parte do brilho e vi a preocupação cobrir seus belos traços. – Certo, Jack?

Olhei para a tela do celular.

– Vai levar só um segundo.

Eu mal podia acreditar nisso, mas era o número de Andy Cushman. Ele era uma fortaleza, mas a voz do outro lado da linha estava embargada pelas lágrimas.

– Jack, preciso que você venha à minha casa. Você tem que vir aqui imediatamente.

– Andy, de verdade, este não é um bom momento. O que aconteceu?

– Shelby... *Ela está morta, Jack.*

capítulo 2

MORTA? SHELBY NÃO PODIA estar morta. Devia haver algum engano. Mas como isso seria possível?

Fui eu quem apresentara Shelby a Andy. Fora padrinho do casamento deles menos de seis meses antes. Jantara com os dois no Musso & Frank na semana anterior. Andy me contara que eles chamariam o primeiro filho de Jack. Não John, nem Jackson. Jack. Apenas Jack.

Será que Shelby tivera um infarto? Tão jovem? Ou teria sido um acidente de carro? Andy não dissera, mas estava devastado. E o que feria Andy também me atingia.

Pus algumas notas na mão de um manobrista, conduzi Guin, visivelmente aborrecida, até o salão principal enquanto pedia desculpas, e a deixei aos cuidados de Matt Damon. Quando voltei à rua, meu carro já estava à minha espera.

Em choque, dirigi para a casa dos Cushman em alta velocidade, tirando proveito da potência do motor de meu incrível carro esportivo. O veículo havia sido presente de um cliente cujo terrível segredo eu guardara. Quando não estava na oficina para reparos, o carro era um ímã para os policiais.

Reduzi a velocidade ao entrar em Bluffs, no bairro de Pacific Palisades, bem policiado e com pequenas lojas e residências à beira-mar. Dez minutos depois, parei na entrada de veículos da casa de Andy.

A noite se aproximava. Não havia nenhuma luz acesa e a porta da frente estava aberta, com o batente quebrado.

Será que alguém tinha invadido a casa? Eu não acreditava nisso, mas peguei minha arma no porta-luvas antes de entrar.

Três anos no comando de um CH-46 em tempos de guerra haviam aguçado minha acuidade visual. Eu tinha me acostumado a me manter atento à leitura dos instrumentos e, no instante seguinte, checar o solo em busca de movimento, poeira, fumaça, reflexos, silhuetas humanas ou flashes de luz.

Como investigador, tinha outra aplicação prática para minha capacidade incomum de perceber anomalias. Era capaz de olhar para uma cena e ver quase instantaneamente o que estava fora do lugar: uma gota de sangue aleatória, uma mancha numa parede pintada, um fio de cabelo no tapete.

Quando entrei na casa dos Cushman, analisei a sala de estar em busca de sinais. As almofadas estavam em ordem. Os tapetes estavam perfeitamente esticados. Livros e quadros estavam em seus devidos lugares.

Chamei Andy e ele respondeu.

– Jack? *Jack*. Estou aqui no quarto. Venha, por favor.

Mantive a arma preparada. Eu empunhava minha Kimber .45 personalizada enquanto percorria os aposentos amplos a caminho da suíte principal, que ficava numa ala exclusiva nos fundos da casa.

Tateei a parede em busca do interruptor e acendi a luz. Andy estava sentado na lateral da cama, inclinado para a frente, segurando a cabeça entre as mãos ensanguentadas.

Meu Deus! O que havia acontecido?

Ao contrário da sala de estar, parecia que um furacão tinha passado pelo quarto. Abajures e porta-retratos foram quebrados. A televisão havia sido arancada da parede, mas o fio ainda estava preso à tomada.

As roupas e os sapatos de Shelby estavam espalhados pelo quarto, jogados aleatoriamente. *Oh, meu Deus do céu!*

Shelby estava deitada de costas no meio da cama, nua e morta.

Tentei absorver todos os detalhes, mas era impossível compreender a cena. Ela havia levado um tiro na testa. Considerando o acúmulo de sangue nos lençóis de cetim branco, parecia que levava também um segundo tiro, no peito.

O choque fez meus joelhos tremerem. Lutei contra o impulso de correr para Andy, de correr para *Shelby*. Eu não podia; não devia fazer isso. O simples fato de entrar naquele quarto poderia contaminar a cena do crime.

– Andy, o que aconteceu aqui?

Ele levantou a cabeça e olhou para mim, seu rosto redondo estava muito pálido, os olhos injetados, os óculos tortos. Seu rosto e suas mãos estavam ensanguentados. Quando falou, a voz soou trêmula:

– Alguém matou Shelby. Atirou nela assim, sem mais nem menos. Você tem que descobrir quem fez isso, Jack. Tem que encontrar o desgraçado que matou Shelby.

Em seguida, meu melhor amigo desabou e chorou como uma criança. O mais difícil era que eu também tinha visto Andy chorar quando era um menino.

capítulo 3

SENTI O CHÃO SE MOVER sob meus pés, mas sabia que Andy precisava que eu pensasse por nós dois. Manter a cabeça fria em casos de emergência, essa devia ser minha principal característica profissional. Eu era Jack Morgan, certo?

Pedi que Andy ficasse onde estava, fui até o carro e voltei com uma MD 80, a melhor câmera para fotografar cenas de crimes que já havia sido fabricada. Contava com lente de visão noturna, GPS e o menu estava disponível em diversos idiomas – para o caso de eu precisar ser avisado em farsi ou mandarim sobre um deslize qualquer, como, por exemplo, ter me esquecido de remover a tampa da lente.

Parado à porta do quarto, tirei uma dúzia de fotos, capturando todos os detalhes em que pude pensar.

Enquanto batia as fotos, tentei imaginar o que poderia ter acontecido ali no momento do assassinato.

Além do sangue na cama e em Shelby, não havia nenhuma outra pista óbvia: nada de respingos ou marcas nas paredes nem rastros ou pingos no chão. Era praticamente certo que ela tinha sido morta na cama. Imaginei Shelby se encalhando contra a cabeceira no momento em que o invasor apareceu no quarto. Ele deve tê-la obrigado a se deitar e ficar quieta. Depois disparou duas vezes – no peito e na testa. Ela perdeu muito sangue e então morreu.

Qualquer que tenha sido o motivo distorcido do invasor, estava claro que não havia sido um assalto. Shelby ainda estava com o anel de noivado no dedo e um diamante ainda maior pendia de uma corrente em seu pescoço. Sua bolsa Hermès estava sobre a cômoda, fechada.

Se não fora uma tentativa de assalto, o que havia sido?

Ocorreu-me uma ideia que qualquer investigador de homicídios teria. Será que Andy matara a esposa? Foi por isso que me chamara? Porque eu provavelmente seria a melhor pessoa em Los Angeles para lidar com a situação, apagar os rastros.

Comecei a falar com meu amigo num tom calmo, dizendo que sentia muito e estava chocado. Depois, pedi a ele que deixasse Shelby onde ela estava e que me acompanhasse.

– Precisamos conversar sobre o que aconteceu, Andy. E tem que ser agora.

Ele se dirigiu à porta, gemeu e caiu sobre mim.

Amparei Andy e o conduzi até a sala de estar, onde o acomodei numa cadeira. Sentei-me no sofá, me mantendo deliberadamente afastado de meu amigo. Os dez minutos seguintes seriam ruins para nós dois.

Comecei pelas perguntas mais fáceis:

– Você chamou a polícia?

– Eu... não queria a polícia aqui antes de falar com você. Por isso não chamei ninguém.

– Andy, você tem alguma arma em casa?

Ele negou com a cabeça.

– Não. Nunca tive. Tenho pavor de armas. Você sabe disso.

– Tudo bem. Muito bom. Notou se está faltando alguma coisa?

– O cofre fica na biblioteca. Entrei pela garagem. Passei pelo escritório e deixei minha pasta na biblioteca antes de ir até o quarto... Tudo parecia normal. Eu não sei, Jack. Não estava pensando na possibilidade de ter havido um assalto. Não consigo me concentrar agora...

Fiz mais perguntas. Andy respondeu a todas elas olhando para mim como se eu fosse um bote salva-vidas e ele, um naufrago perdido no mar revoltado. Contou que vira Shelby pela última vez naquela manhã, ao sair para o trabalho, e que falara com ela ao telefone quando estava no carro, cerca de uma hora antes. Tudo parecia bem.

– Preciso fazer uma pergunta difícil – avisei. – Você ou ela estavam envolvidos com outra pessoa?

Andy me olhou como se eu tivesse enlouquecido e depois disse:

– Eu, Jack? Não. E Shelby? Ela me amava. Não tinha motivos para se envolver com outra pessoa. Estávamos completamente apaixonados. Nunca pensei que pudesse sentir por alguém o que sentia por Shelby. Estávamos tentando ter um filho.

Respirei fundo para manter a calma e então prossegui:

– Alguém ameaçou você ou Shelby?

– Pelo amor de Deus, sou só um contador, Jack. E quem iria querer matar Shelby? Ela era um amor. Todos a adoravam...

Aparentemente não.

– Você precisa me dizer a verdade, Andy. Teve alguma coisa a ver com isso?

– tive que perguntar.

Em cerca de cinco segundos, a expressão de Andy passou da tristeza ao choque e, depois, à fúria.

– Está mesmo me perguntando *isso*? Você sabe quanto eu a amava. Vou lhe dizer agora e espero nunca mais ter que repetir: *Eu não matei Shelby, Jack*. E não sei quem foi. Não consigo imaginar esse absurdo acontecendo. Não consigo, Jack.

A noite caía. Estendi a mão para acender um abajur. Andy olhava para mim como se eu tivesse lhe dado um soco no rosto.

Meu Deus, eu era seu melhor amigo.

– Acredito em você – falei. – Mas a polícia vai submetê-lo a um interrogatório duro. Está entendendo? O marido é sempre o suspeito número um.

Ele fez que sim com a cabeça e voltou a chorar.

Eu me levantei e fui até o hall de entrada. De lá, telefonei para a casa do chefe de polícia Michael Fescoe. Nós tínhamos nos tornado amigos nos últimos anos. Ele estava deprimido por causa do trabalho, mas era um bom homem e eu confiava nele.

Fiz um resumo do caso para Fescoe, expliquei que Andy e eu éramos amigos de infância, que tínhamos pertencido à mesma fraternidade na Universidade Brown e que seria capaz de pôr minha mão no fogo pelo caráter dele.

Fiquei ao lado de Andy quando a polícia e a perícia chegaram. Ouvi quando ele disse ao detetive que Shelby não tinha nenhum inimigo.

Porém, quem a matara havia deixado claro uma coisa importante.

Aquilo não fora apenas uma execução.

Era uma questão pessoal.

capítulo 4

JUSTINE SMITH ERA UMA ELEGANTE morena de trinta e poucos anos, com uma inteligência brilhante e uma seriedade indiscutível. Psiquiatra especialista em traçar perfis de criminosos, ela era o braço direito de Jack Morgan na Private. Os clientes confiavam nela quase tanto quanto em Jack. Todos a adoravam.

Naquela noite, ela estava jantando com o procurador do distrito de Los Angeles, Bobby Petino. Os dois eram melhores amigos e amantes. Ele viera transferido de Nova York e era grande conhecedor da culinária italiana. Havia feito uma surpresa a Justine ao buscá-la após o trabalho e levá-la ao Giorgio Baldi's, em Santa Mônica.

O restaurante, de administração familiar, era aconchegante e casual e um dos favoritos de Bobby. As mesas iluminadas por velas ficavam próximas umas das

outras, confortavelmente íntimas. Vários clientes ali reunidos eram grandes celebridades, mas Bobby não tinha olhos para ninguém além de Justine. Nem mesmo para Johnny Depp e Denzel Washington, que entraram rindo e brincando, como se a vida fosse só um filme divertido.

Quando Giorgio serviu a fumegante massa caseira, Bobby brindou, tocando a taça de vinho de Justine com a sua. *Não havia ninguém ali além deles dois.*

– Sabe de uma coisa? – começou Justine. – Adoro uma surpresa capaz de melhorar um dia muito ruim. Isso tudo é perfeito. Obrigada.

– Se concentrar só no trabalho, sem diversão, a deixaria deprimida. E isso não pode acontecer.

– Agora é oficial. Meu dia horrórico ficou para trás. Estive ajudando em um caso terrível do escritório em San Diego, mas por hoje já chega de trabalho.

Justine sorriu, mas Bobby baixou um pouco o olhar, como se houvesse alguma coisa que não quisesse dizer a ela. Normalmente, eram bons em ler as intenções um do outro, mas, nesse momento, Justine não tinha ideia do que o incomodava.

– O que está acontecendo? Por favor, não me obrigue a adivinhar.

– Recebi um telefonema do chefe de polícia. Eu ia lhe contar *depois* do jantar. Juro. Outra colegial foi morta. Acabaram de encontrar o corpo.

Justine estava a ponto de perder a cabeça. Ela esbarrou na taça de vinho e não tentou evitar que a bebida se derramasse sobre a mesa. O brilho desapareceu de seus olhos, os pensamentos voltaram aos dias horríveis de um passado recente.

Imagens de autópsias invadiram sua mente: adolescentes assassinadas nos dois últimos anos. Todas estavam no ensino médio e moravam em Los Angeles, a maioria nos bairros da região leste. A última garota fora encontrada morta um mês antes.

A polícia e a mídia tinham dado tanta atenção ao caso que Justine chegara a acreditar que o assassino desapareceria por um tempo, ou até mesmo desistiria. Talvez estivesse preso. Ou morto. Não seria ótimo?

Mas Bobby acabara de destruir essa fantasia – e pelo menos mais uma que ela tivera para essa noite, que apresentava algumas possibilidades aos dois.

capítulo 5

– **P**RECISO TELEFONAR PARA JACK IMEDIATAMENTE – disse Justine para Bobby.

– Tenho que ligar. Droga. *Droga!*

Ele esticou o braço e afagou a mão dela sobre a mesa.